

PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO: Contribuições do Círculo de Viena e da Escola de Frankfurt

Marcio Aparecido Lucio, FURB/IFC, marcio.lucio@ifc.edu.br

RESUMO

No início do século XX duas escolas de pensamento surgiram com ideias e conceitos distintos e muitas vezes opostos. Uma revisava o positivismo e a outra desenvolvia uma nova Teoria Crítica, cada uma como sua visão de como se fazer pesquisa em ciências sociais. Por meio de pesquisa bibliográfica como método, este artigo tem como objetivo identificar as contribuições do Círculo de Viena e da Escola de Frankfurt para os estudos de Administração. Como resultados identificou-se que com o passar do tempo, mesmo criticados, modificados e atualizados, os pensamentos das duas escolas continuam influenciando as pesquisas sociais e que para os estudos em Administração, tanto o quantitativo positivista e suas variações como o qualitativo da teoria crítica, são complementares e não opostos, tudo depende da escolha da melhor forma de pesquisa para se alcançar um objetivo ou para resolver um problema e é essencial que se tenha um método claramente definido, comprovadamente eficaz e coerente com o posicionamento ontológico e epistemológico do pesquisador.

PALAVRAS CHAVES: Pesquisa em Administração; Círculo de Viena; Escola de Frankfurt.

1 INTRODUÇÃO

No início do Século XX a Europa presencia o surgimento de duas correntes filosóficas da ciência. O primeiro grupo nominados como positivistas lógicos, neopositivistas ou empiristas lógicos, formaram o Círculo de Viena. O segundo grupo origina-se no Instituto de Pesquisas Sociais da Universidade de Frankfurt, conhecido como Escola de Frankfurt.

O Círculo de Viena contou com a participação de proeminentes pensadores, a exemplo de Hans Han, Moritz Schlick, Otto Neurath e Rudolf Carnap. Posicionavam-se como antimetafísicos e verificacionistas, tendo como foco de discussões os problemas da filosofia das ciências e problemas políticos (CASTANÕN, 2007; IWASSE et al., 2018). Por sua vez, a Escola de Frankfurt foi composta por pensadores como Erich Fromm, Herbert Marcuse, Max Horkheimer e Theodor W. Adorno (FARIA, 2007; FREITAG, 2004). Com um projeto inicial de cunho fortemente marxista converte-se para um projeto filosófico e político único, ao propor uma teoria crítica capaz de apreender a sociedade do início do século XX (MOGENDORFF, 2012), sendo estes fortemente críticos daqueles.

Os estudos nas ciências sociais são influenciados pelas duas escolas, incluindo as pesquisas em Administração, com predominância dos postulados originados do Círculo de Viena, constituindo-se no paradigma *mainstream*. Assim, na atualidade a escolha metodológica do pesquisador em estudos organizacionais está implícita ou explicitamente orientada por uma abordagem paradigmática, cujas raízes ontológicas e epistemológicas definem sua maneira de ver e estudar o mundo (GUBA e LINCOLN, 1994). As escolhas de hoje são resultado dos inúmeros embates entre e intra escolas (Viena e Frankfurt), as quais na primeira metade do século passado reivindicavam à cientificidade da ciência social e a ruptura e refutação das pseudociências.

Neste contexto é importante identificar como cada tipo de paradigma evoluiu nas pesquisas em Administração, para que de acordo com as crenças e posições (ontologia e epistemologia) do pesquisador seja possível construir uma coerência metodológica. Assim, tendo a pesquisa bibliográfica como método, este estudo norteia-se pelas seguintes questões: como o Círculo de Viena contribuiu para os estudos em Administração? Como a Escola de Frankfurt contribuiu para os estudos em Administração? Das questões formuladas deriva o seguinte objetivo de pesquisa: identificar as contribuições do Círculo de Viena e da Escola de Frankfurt para as pesquisas em Administração.

Ao apresentar as contribuições das duas escolas de pensamento para o contexto da administração, o estudo possibilita ampliar a compreensão, principalmente dos pesquisadores iniciantes, sobre os pressupostos subjacentes à pesquisa tão relevantes quanto os manifestos. O artigo está alinhado com outros esforços, como o de Saccol (2009), no sentido de contribuir com o ensino-aprendizagem em metodologia científica na administração; e Barbosa et al. (2013) sobre a necessidade de descortinar os debates epistemológicos e as disputas por espaços e recursos de pesquisa.

2 CÍRCULO DE VIENA

Stadler (2010) relata que a busca por uma filosofia científica, para contrapor a metafísica nas ciências físico naturais no início do Século XX, uniu os esforços de Ludwig Boltzmann e Ernst Mach. Como resultado tem-se a criação de uma cadeira na Universidade de Viena, inicialmente presidida por Mach (STADLER, 2010). Após esses esforços, um

primeiro círculo de discussão foi gerado posteriormente entre 1907 e 1914, no qual participaram Philip Frank, Hans Hahn, Otto Neurath, Richard von Mises e outros.

Entre os tópicos discutidos estavam os da filosofia científica, as relações entre experiência e lógica, o positivismo de Mach, Boltzmann, Duhem, Brentano, Meinong, Husserl, Freud, Russell; Whitehead, Peano e Frege e o convencionalismo do francês de Poincaré para remover da ciência e do conhecimento tudo que fosse ligado a metafísica. Esta época é denominada como o período do proto-círculo (ROJAS, 2017).

Com o início da primeira guerra o grupo de desfaz, retornando em 1923 em torno do físico Schlick e nos anos de 1929 as reuniões tornaram-se públicas novamente, quando juntando-se a ele Carnap, Otto Neurath e Hans Hahn entre outros (ROJAS, 2017). O grupo formado em torno do professor Schlick, segundo Iwasse et al. (2018), era heterogêneo, sendo predominante a presença de estudiosos das ciências exatas (ROJAS, 2017). Segundo Castanõn (2007) o pensamento presente se caracteriza pela posição antimetafísica advinda do Positivismo, preocupação com o uso da linguagem na atividade científica e uma produção intelectual quase que absolutamente voltada para a análise da estrutura e dos métodos das ciências naturais (CASTANÕN, 2007). Há também o distanciamento do positivismo de Comte, tido como racionalista e idealista (OUEBANI, 2009).

Desse modo, o Círculo de Viena consolida-se como um movimento filosófico e, em 1929 publicado um Manifesto assinado pelo Círculo intitulado *Wissenschaftliche Weltauffassung*, em tradução livre: a concepção científica do mundo. O Manifesto apresenta a concepção de mundo científico, aquilo pelo qual o Círculo de Viena trabalha, cujo objetivo seria o de obter a ciência unificada, ligando e harmonizando o trabalho de diferentes pesquisadores nas diversas áreas científicas (CUNHA, 2018; ARRUDA, 2019; MOLLO, 2012).

Embora as proposições do Círculo de Viena se expandiram, seu grupo começou a se desintegrar na década de 1940. Com a morte de seus fundadores Hann em 1934 e de Schlick em 1936, somados à ascensão nazista e a consequente perseguição estabelecida (OUELBANI, 2009). Após a Segunda Guerra Mundial o movimento perdeu a força que outrora movera os estudos na área, contudo a desagregação do grupo permitiu de maneira simultânea e paradoxal seu desenvolvimento na Inglaterra e Estados Unidos (OUELBANI, 2009; SILVA, 2009).

Para o Círculo de Viena também chamado de Positivismo Lógico, a Lógica e a Matemática são conhecimentos *a priori*, independentes da experiência e fundamentam a linguagem científica, mas o conhecimento empírico, diversamente do formal, não tem outro meio de obtenção que não a observação pura e alguma forma de indução (CASTANÕN, 2007) Segundo Hahn et al. (1986) e Ouelbani (2009), os principais temas tratados pelo Círculo de Viena foram o princípio da verificabilidade, o fenomenalismo, a linguagem fisicalista e o método lógico indutivo.

No **princípio da verificabilidade**, segundo Dias (2015), os enunciados científicos deveriam ter uma comprovação ou verificação baseada na observação ou experimentação. Isto era feito indutivamente, ou seja, seriam estabelecidos enunciados universais, a partir da observação de casos particulares.

Quanto ao **fenomenalismo**, Stein (2004) conceitua como entender a relação do homem com a realidade empírica como sendo um conjunto de fenômenos aos quais não se podem dividir para compreender melhor, em outras palavras, a percepção do real é fenomênica pois se trata de um fluxo de dados sensíveis. Rudolf Carnap modificou suas percepções sobre os elementos básicos que permitem que o conhecimento científico seja constituído de uma perspectiva fenomenalista ou fenomenalista (OUELBANI,2009).

Por sua vez, a **linguagem Fisicalista**, cujo nome foi proposto por Neurath em 1931, que via na linguagem o campo da pesquisa filosófica, para sublinhar a natureza física da linguagem. Com base em seu conteúdo, quem postula esse método de pesquisa distingue vários tipos de afirmações. Indivíduos, se eles se referirem a um evento específico. Universal, aqueles derivados do processo de pesquisa e testados empiricamente. Observacional, eles se referem a um fato óbvio (HAHN et al., 1986, CASTANÕN, 2007).

Segundo Hahn et al. (1986) e Ouelbani (2009), o **método Indutivo Lógico**: é o raciocínio de que, a partir de casos particulares, é elevado ao conhecimento geral. Este método permite a formação de hipóteses, pesquisa em direito científico e demonstrações. A indução pode ser completa ou incompleta. Completa: é possível se soubermos exatamente o número de elementos que compõem o objeto de estudo. Incompleta: os elementos do objeto de pesquisa não podem ser numerados e estudados em sua totalidade, forçando o sujeito da pesquisa a recorrer a uma amostra representativa que permita generalizações

Esses temas foram tratados pelos principais pensadores do Círculo de Viena, abaixo no Quadro 1 são apresentadas algumas das contribuições de cada pensador para a escola.

Quadro 1 – Contribuições dos filósofos participantes do Círculo de Viena, em ordem alfabética de nome

Filósofo	Contribuições
Alfred Jules Ayer (1910-1989)	Em relação ao princípio da verificação, estabeleceu um forte senso e um fraco senso de verificação. No sentido forte, uma proposição é verificável desde que sua verdade possa ser conclusivamente estabelecida pela experiência. No sentido fraco, uma proposição é verificável, se possível, pela experiência. torná-lo provável.
Hans Hahn (1870-1934)	Sustenta que lógica e matemática são essencialmente tautológicas e não dizem nada sobre o mundo externo. Ele admite, no entanto, que o axioma da escolha não é uma tautologia; se aceitamos ou negamos, diz ele, depende do que queremos que a palavra "conjunto" signifique.
Kurt Gödel (1906-1978)	Teorema da Incompletude: afirma que, para qualquer sistema axiomático recursivo autoconsistente, poderoso o suficiente para descrever a aritmética dos números naturais (aritmética de Peano), existem proposições verdadeiras sobre os naturais que não podem ser provadas. Para provar esse teorema, ele desenvolveu uma técnica agora chamada numeração Gödel, que codifica expressões formais como números naturais.
Moritz Schlick (1882-1936)	Ele formulou o princípio de verificação da seguinte forma: uma proposição só fará sentido se você puder indicar as condições sob as quais essa proposição seria verdadeira e aquelas sob as quais seria falsa.
Otto Neurath (1882-1945)	O conhecimento científico não pode ser outra coisa senão o sistema das proposições aceitas na época pelos cientistas. Núcleos do fisicalismo de Neurath: a concepção da linguagem como fato físico; concepção que prescindia da questão da linguagem como projeção do mundo; não aceita a função simbólica da linguagem; a exigência da ciência unificada em base fisicalistas.
Rudolf Carnap (1891-1970)	Reduziu as exigências do verificacionismo extremo sem abandonar o princípio como critério de demarcação entre a ciência e o que não é ciência. Substituiu o conceito de verificabilidade pelo de confirmabilidade. De acordo com essa concepção, era suficiente para uma afirmação ter um conteúdo factual que tivesse uma conexão com a experiência por meio de recursos lógicos especiais, como sua relação com um idioma específico.

Fonte: Adaptado de Rosenal e Ludin (1973) e Schlick (1975).

Segundo Mayo et al. (2015) e Iwasse et al. (2018) vários epistemólogos contemporâneos e pós Círculo de Viena, e diretamente influenciados por ele, propuseram ideais que perduram até hoje, entretanto com novas conceituações de ciência que rompem radicalmente com os pressupostos positivistas quantitativos isolados dos postulados do paradigma interpretativo ou qualitativo. Nomes como Karl Raimund Popper, Imre Lakatos, Thomas Samuel Kuhn, Larry Laudan, Stephen Edelston Toulmin, Gastón Bachelard, Paul Karl Feyerabend, Mário Bunge, Humberto Maturana e Ernst Mayr são os principais exemplos.

Popper rejeita a lógica indutiva, como propuseram os membros do Círculo de Viena, no qual a concepção positivista foi baseada. No entendimento de Popper, apenas a lógica

dedutiva permite uma avaliação segura da validade das proposições científicas. Para chegar a essa conclusão Popper realiza um trabalho de reconstrução lógica que o leva a questionar também o critério de demarcação proposto pelo Círculo de Viena (SILVA e COSTA, 2019). Popper muda o critério de demarcação substituindo o u o princípio da verificabilidade por um conceito quase oposto, o de falsificabilidade; enterrou o método da indução e provou sua invalidade, substituindo-o por seu oposto, o método hipotético-dedutivo; desabsolutizou os fundamentos e as pretensões da ciência moderna, os tomando como meras conjecturas e defendendo uma ciência perfectível; rejeitou plenamente a anti-metafísica positivista, reabilitando a metafísica como celeiro de ideias científicas. (CASTANÕN, 2007; DIAS, 2015).

Apesar das críticas e modificações, o legado, do Círculo de Viena sobrevive. Principalmente em áreas do campo da administração, cuja perspectiva epistêmica se enquadra na visão positivista da ciência que tem como modelo a metodologia da as ciências naturais. Nestes procedimentos metodológicos, o objetivo final é a busca de leis apoiadas em rigorosas observações empíricas sujeitas a técnicas de quantificação, onde as teorias resultantes de tais leis são forçadas a exibir uma consistência lógica e sistemática férrea. Como exemplo do exposto, destaca as contribuições da Teoria Geral de Sistemas (Bertalanffy, Woodward, Burns e Stalker, Donaldson, Lawrence & Lorsch) e mais especificamente a abordagem da contingência de Davidson (MAYO et al,2015).

Donaldson , de tradição Comteana, defende que o positivismo sociológico, na era atual, tem sido aplicado ao estudo das organizações na tentativa de explicação e não interpretação do comportamento dos indivíduos que se encontram em seu interior, valendo-se da princípios causais, de forma que a generalização e determinação sejam os componentes básicos da teoria positivista da organização, nesse sentido, Donaldson defende todo processo sistemático impulsionado pelo teste de hipóteses, repetições ou falhas de replicação, e o acúmulo de empíricos generalizações, leva ao progresso toda a teorização das organizações com base nos resultados da pesquisa empírica e sua aplicação na resolução de problemas do mundo real (DONALDSON et al, 2013).

3 ESCOLA DE FRANKFURT

Em 1923 uma autorização ministerial dava início à construção do edifício que abrigaria um instituto de ciências sociais vinculado à Universidade de Frankfurt, o Institut für Sozialforschung. O local tornou-se o ponto de convergência de um grupo de pensadores nascidos na virada do século XIX para o XX, basilarmente formado por Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, Erich Fromm e Herbert Marcuse e inspirados por pensadores como Kant, Hegel, Marx, Freud, Weber e Lukács (MOGENDORFF, 2012). Segundo Cavalcante et al. (2020), constitui-se epistemologicamente como o edifício da Teoria Crítica, lócus da fortuna crítica social, cuja força das ideias atravessa o curso dos tempos e campos científicos, mantendo-se viva e atual nos horizontes contemporâneos do pensamento social.

A Escola de Frankfurt é considerada a escola de pensamento social mais influente do século XX (DEMO, 2007; GHIRALDELLI JR, 2010). E embora seu título e fundação remontem a uma dada localização geográfica, à cidade de Frankfurt, o sentido ‘Escola de Frankfurt’ guarda em si um significado que ultrapassa fronteiras (CAVALCANTE et al., 2020). Isto porque, em 1933, quando Hitler foi nomeado chanceler, o Instituto foi fechado e posto à disposição do Estado por ter mantido “atividades hostis” (WIGGERSHAUS, 2002). A sede do Instituto foi então transferida para Genebra, onde se constituiu a *Société Internationale de Recherches Sociales*, para em 1934 Horkheimer transferir o Instituto para Nova York. Juntando-se a ele Marcuse, Löwenthal, Pollock e Wittfogel e mais tarde Adorno, formando um novo grupo chamado de *International Institute of Social Research*, somente em 1950 o Instituto de Pesquisa Social foi denominado de Escola de Frankfurt (MOGENDORFF, 2012).

Wiggershaus (2002) considera que o desenvolvimento da teoria crítica se deve em grande parte ao Instituto, isto porque desde o ensaio de Horkheimer ‘*Traditionelle und kritische Theorie*’ de 1937, a expressão ‘teoria crítica’ tornou-se a designação preferida dos teóricos, sendo também espécie de camuflagem para a teoria marxista. Para Mogendorff (2012), a Escola de Frankfurt estabeleceu seus alicerces não apenas em Marx, mas sua filosofia era também herdeira de Freud e Nietzsche, pensadores que mudaram a maneira de ver a sociedade e refletir sobre o homem e sobre a cultura. A escola também se mostra nas associações de ideias, como movimento estudantil, contestação ao positivismo, crítica da civilização, emigração, tratando-se muito mais do que uma simples orientação teórica (WIGGERSHAUS, 2002; MOGENDORFF, 2012).

Em meio à mudança tecnológica, à nova configuração social e às experiências do século XX, os teóricos da Escola de Frankfurt perceberam que os ideais do iluminismo e do positivismo haviam falhado em sua teoria de que o avanço científico aliado à ampliação do conhecimento por meio da escolarização e da disseminação da informação levariam ao avanço moral da sociedade. Segundo Wiggershaus (2002), a primeira grande guerra e a perseguição nazista foram suficientes para que os membros da Escola de Frankfurt considerassem que as teorias iluminista e positivista não se sustentaram.

Segundo Rüdiger (1999), a teoria crítica pode ser dividida em três períodos: (i) anos iniciais, com ênfase no materialismo interdisciplinar, embasada por uma teoria social que tinha como base a crítica da economia política marxista, aliando teoria filosófica à prática científica e seguindo uma junção entre pesquisa social, análise crítica e ação revolucionária; (ii) período entre 1940-1951 no qual a problemática passa a ser vista sob a ótica de uma crítica da razão moderna; (iii) retomada ao início, ou seja busca por uma ciência social crítica.

Mesmo que haja divergências em relação à quais filósofos seriam efetivamente oriundos da Escola de Frankfurt, não é possível negar que eles se projetam como os fundadores, herdeiros e críticos do legado da Teoria Crítica contra o Capitalismo e responsáveis por atualizar as leituras sobre o marxismo, criando alternativas ao socialismo marxista que se encaixassem no século XX (FREITAG, 2004; CAVALCANTE et al., 2020). Muitos deles são discutidos e apresentados sendo associados a determinadas fases, momentos e gerações da Escola de Frankfurt, como apresentados no Quadro 2:

Quadro 2 – Filósofos associados à Escola de Frankfurt e suas contribuições, por geração

Primeira Geração	
Pensador	Contribuições
Walter Benjamin (1892- 1940)	Exerce papel fundamental e decisivo na formulação e disseminação da Teoria Crítica. Em seus constructos teóricos revisitou a obra de diversos filósofos, destacadamente Marx, Kant e Weber. Dentre os diversos temas de seu interesse destacam-se a teoria da literatura e a filosofia da história.
Friedrich Pollock (1894-1970)	Fez releituras de diversos filósofos, como Marx e Weber. Seus estudos centram-se em diversos temas, notadamente o capitalismo de Estado, Teoria Crítica e socialdemocracia.
Max Horkheimer (1895-1873)	Considerado como genuíno formulador da Teoria Crítica social. Seus interesses centram-se em diversos temas, dentre os quais, destacam-se Racionalidade, Epistemologia, Teoria Crítica e Dialética.
Herbert Marcuse (1898-1979)	Exerce papel fundamental e decisivo na formulação e disseminação da Teoria Crítica. Em seus constructos teóricos realizou releituras de diversos filósofos, principalmente Marx, Freud e Hegel. Centrou atenção em temas como a técnica e ideologia, razão e emancipação e razão e colonização.
Erich Fromm	Dedica a fazer releituras de diversos pensadores, destacadamente Marx e Freud. Centra

(1900-1980)	atenção principalmente a temas relacionados com a psicologia social e a filosofia humanista, focados nos fatores da formação da pessoa, como a família e as relações sociais, numa vertente crítica do marxismo.
Theodor Adorno (1903-1969)	Em seus constructos teóricos realiza releituras de filósofos como Marx, Kant, Hegel, Freud e Schopenhauer. Entre os temas de interesse a indústria cultural, a cultura de massa e a dialética se destacam e o demarcam.
Segunda Geração	
Karl Otto Apel (1922-2017)	Em seus constructos teóricos tratou do desenvolvimento científico e tecnológico alcançado pela humanidade e sobre o fenômeno da globalização.
Jürgen Habermas (1929-)	Em seus constructos teóricos faz releituras de filósofos com destaque à Marx, Kant, Hegel, Weber e Adorno. Seus interesses dos versam sobre técnica e ideologia, comunicação, epistemologia, racionalidade, democracia deliberativa e esfera pública e sociedade.
Terceira Geração	
Axel Honneth (1949-)	Revisita Hegel, Adorno e Habermas, dentre outros. Seus interesses versam temas como filosofia social, política, moral, relações de poder e reconhecimento e sociedade capitalista

Fonte: Adaptado de Rouanet (1983); Freitag (2004); Repa (2008); Cavalcante et al. (2020)

Segundo Mogendorff (2012), os principais temas tratados pelos pensadores da Escola de Frankfurt eram a Teoria Crítica, Indústria Cultural, Cultura de massas e Totalitarismo eletrônico. A **Teoria Crítica** apresenta um espectro de atuação bem amplo e nomeia todas as teorias que se pautam pela negação da ordem estabelecida, pelo anti-positivismo, pela busca de uma sociedade mais justa e humana. Segundo Leitão (2016), quando falamos em Teoria Crítica, referimo-nos ao pensamento de um grupo de intelectuais marxistas não ortodoxos, alemães, alguns deles filhos de judeus, que, a partir dos anos 1920, desenvolveram pesquisas e intervenções teóricas sobre problemas filosóficos, econômicos, sociais, culturais, estéticos gerados pelo capitalismo de sua época e influenciaram, de certo modo, o pensamento ocidental particularmente dos anos 40 aos anos 70 do século passado.

Já a **Indústria Cultural** se refere ao processo social de transformação da cultura em bem de consumo tendo como plano de fundo uma sociedade imersa no capitalismo avançado. Segundo Rüdiger (1999), a terminologia foi escolhida pelos frankfurtianos para se diferenciar da expressão “cultura de massa”, que talvez desse uma falsa impressão de que seria uma cultura que imana do povo. Adorno e Horkheimer em "Dialética do Iluminismo" definiram indústria cultural como um sistema político e econômico que tem por finalidade produzir bens de cultura - filmes, livros, música popular, programas de TV etc. - como mercadorias e como estratégia de controle social.

A **Cultura de massas** está intimamente ligada ao advento da modernidade. Segundo Ortiz (2016), no século XIX, esse termo foi utilizado para fazer antagonismo entre a educação

recebida pelas massas à educação recebida pelas elites (cultura erudita). A expressão “cultura de massas” passou a designar também o consumo de alguns bens e serviços da sociedade industrializada. Finalizando, o **Totalitarismo eletrônico** ocorre quando diversão e assuntos importantes são "mixados" num só produto; em que representantes políticos são escolhidos como se fossem sabonetes.

4 PARADIGMAS RELACIONADOS COM CÍRCULO DE VIENA E ESCOLA DE FRANKFURT

Segundo Amboni et al. (2017) os estudos organizacionais possuem uma identidade múltipla, por serem orientados por diferentes teorias e vertentes que têm guiado os pesquisadores e estudiosos da área na explicação dos fenômenos investigados, todavia, as investigações têm sido orientadas por paradigmas e quadros teóricos já legitimados pela comunidade científica. De acordo com as características de cada paradigma, pode-se identificar quais tem base nas duas escolas desse estudo, para tanto são correlacionados duas classificações de Paradigmas, a de Burrell e Morgan (1979) e a de Lincoln e Guba (2006).

Burrell e Morgan (1979) e Morgan (2005) elencam quatro paradigmas (funcionalista, interpretativo, humanista radical, estruturalista radical), constituindo-se como um termo que enfatiza o que há em comum nas perspectivas que liga o trabalho de um grupo de teóricos de modo que possam ser vistos como abordando uma teoria social dentro dos limites da mesma problemática. Dos quatro paradigmas propostos por Burrell e Morgan (1979) dois extremos são aqui destacados, o funcionalista cujas raízes advêm do positivismo/positivismo lógico (Círculo de Viena) e humanismo radical o qual se fundamenta na teoria crítica (frankfurtiana).

O **Paradigma Funcionalista** se baseia na pressuposição de que a sociedade tem existência concreta e real e um caráter sistêmico orientado para produzir um estado de coisas ordenado e regulado, estimulando uma abordagem para a teoria social que focaliza o entendimento do papel dos seres humanos na sociedade, onde o comportamento é sempre visto como algo que está contextualmente atado a um mundo real de relacionamentos sociais concretos e tangíveis (MUNCK et al., 2018). Já o **Paradigma Humanista Radical** enfatiza como a realidade é socialmente criada e socialmente sustentada, mas vincula sua análise ao interesse em alguma coisa que pode ser descrita como uma patologia da consciência, pela qual

os seres humanos se aprisionam dentro de fronteiras da realidade que eles mesmos criam e sustentam (MUNCK et al., 2018).

Uma outra classificação de paradigmas, a proposta por Lincoln e Guba (2006) contempla quatro diferentes posicionamentos: positivismo, pós-positivismo, construtivismo e teoria crítica. Desses o **Paradigma Positivista** tem como princípio ontológico a realidade como algo que existe independente do sujeito, uma realidade objetiva (LINCOLN, GUBA, 2006). Horkheimer (1980) denomina o Paradigma Positivista de teoria tradicional, afirmando que para esta teoria o objeto representa algo externo ao sujeito. Já o **Paradigma da Teoria Crítica** sugere uma relação orgânica entre o sujeito e o objeto. O teórico imerso nesse paradigma assume sua condição de analista e crítico da situação e procura colaborar na intervenção e no redirecionamento do processo histórico em favor da emancipação do homem em uma ordem social justa e igualitária (FREITAG, 2004).

Vale dizer, a escolha do pesquisador por uma abordagem paradigmática orienta suas escolhas ontológicas e epistemológicas visto que paradigmas definem uma forma de ver o mundo e a forma como estudá-lo (LINCOLN, GUBA, 2006). O paradigma funcionalista tem sido dominante na condução das pesquisas sociais e organizacionais, por estar enraizado no positivismo lógico, o paradigma funcionalista tende a assumir que o mundo social é composto de situações concretas, mensuráveis e que podem ser estudadas através de abordagens derivadas das ciências naturais pautadas na relação de causa e efeito (AMBONI et al., 2017).

5 CONTRIBUIÇÕES DO CÍRCULO DE VIENA E DA ESCOLA DE FRANKFURT PARA AS PESQUISAS EM ADMINISTRAÇÃO

O campo das ciências sociais o qual pertence a administração, segundo Araujo et al. (2012), é rico na utilização de métodos variados de investigação, e não poderia ser diferente, pois a organização é um dos principais objetos de estudo desse campo científico. Assim fica evidente a necessidade de empregar modelos investigativos abrangentes que permitam compreender a complexidade e interação humana em suas mais minuciosas nuances.

A Administração enquanto campo de conhecimento nasceu influenciada pelo paradigma positivista/funcionalista (que tem suas origens no Círculo de Viena), se propondo a ser uma ciência exata, mecanicista (OTTOBONI, 2009). Embora tenha evoluído na sua compreensão de organização e de ser humano, tal paradigma ainda é dominante, sendo adotado pela maioria dos pesquisadores da área (CALDAS, 2005; ALIYU, 2014; BISPO;

SIQUEIRA, 2018). Sendo uma área de estudos conectada às bases do desenvolvimento da sociedade moderna capitalista, os pesquisadores desse campo lidam frequentemente, com construtos como poder, controle e racionalização em diversas instâncias, dentro e fora das organizações, em geral numa perspectiva funcionalista de exame teórico e atuação prática (FARIA, 2009; BISPO; SIQUEIRA, 2018).

Segundo Barbosa et al. (2013) pesquisas apoiadas nesse paradigma preocupam-se principalmente em testar teoria, buscar evidências encontradas com o emprego de proposições formais, testar hipóteses e fazer inferências sobre o fenômeno a partir de uma amostra da população. Tenta prever o que acontece no mundo social, buscando singularidades e relacionamentos causais entre seus elementos, o que lhe dá um caráter determinístico (BURRELL e MORGAN, 1979).

Para Boava et al. (2020) o campo de estudos científicos em administração é um terreno fértil para as pesquisas empíricas e teórico-empíricas, dado seu caráter positivista-funcionalista. Busca-se o aperfeiçoamento contínuo das técnicas e métodos de investigação. Assim, os pesquisadores logram êxito em contribuir com os aspectos práticos da atividade administrativa, produzindo explicações gerais sobre fenômenos particulares, propiciando um avanço epistemológico, de certa forma, continuísta.

Os métodos usados no positivismo para entender melhor o mundo natural nem sempre são transferíveis para o mundo social, portanto, pode-se perceber que o positivismo apresenta algumas limitações, como em alguns casos de pesquisa, pode ser difícil adotar o positivismo, pois visa reduzir a complexidade à simplicidade por meio da simplificação e controle das variáveis fornecidas, e considerando a suposição de que o isolamento de alguma variável pode ser difícil e desafiador (KIM; DONALDSON, 2018; ALHARAHSEH; PIUS, 2020).

Por outro lado, adotar esses métodos - a quantificação e a mensuração - em pesquisas de determinadas áreas da Administração pode ser um verdadeiro passaporte para garantir o acesso à elite acadêmica. A exigência de uso de procedimentos estatísticos mais sofisticados acaba tornando-se senha dos eleitos precisamente porque não é perícia comum (DEMO, 2007).

O conhecimento acadêmico delineado a partir de pressupostos de base funcionalista, que impinge uma concepção de sociedade tendendo ao equilíbrio e harmonia, e onde a noção de processo é a-histórica (LARA; VIZEU, 2019), sendo responsável pela disciplinarização da

vida nas organizações a partir de uma racionalidade econômica (PAULA, 2008), baseada prioritariamente em interesses capitalistas e na crença de que as organizações são entidades onipotentes e sagradas (VIZEU; MATITZ, 2013). É contra essa visão hegemônica na área de Estudos organizacionais que a perspectiva crítica vem sendo recorrida (KIM; DONALDSON, 2018).

O papel da Teoria Crítica nos estudos organizacionais é oferecer uma alternativa democrático-reflexiva, possibilitar o pensamento crítico e autônomo das condições de vida e de trabalho, sua pertinência no âmbito da administração se dá pela contribuição em desvelar o mundo do poder, em suas instâncias obscuras e manifestas, e as formas sempre atualizáveis de controle nas organizações capitalistas (FARIA, 2007). Local onde o predomínio da racionalidade instrumental tem implicado em uma vida danificada no sentido (RAMOS, 1989).

Segundo Faria (2009), Horkheimer ressalta que a Teoria Crítica deve mostrar dialética e criticamente as contradições da sociedade capitalista e Adorno acresce a necessidade de se enfrentar as imagens deformadas da realidade que naturalizam a servidão ao poder, ocultando a realidade desordenada do capitalismo. Cabe aos estudos atuais sobre as organizações portanto, investigar além das questões pertinentes às racionalidades instrumentais, estratégias, comportamentos e política (FARIA, 2009)

Embora sejam emergentes as discussões teóricas sobre as abordagens críticas, o debate metodológico não tem avançado, no que se refere às investigações empíricas de natureza crítica, o debate metodológico é bastante nebuloso (RAELIN, 2020). Há carência de estudos sobre técnicas de pesquisa que guardem coerência ontológica e epistemológica com os estudos críticos, e a falta de clareza nessa área pode contribuir para a falsa impressão de diletantismo metodológico (LUKOSEVICIUS; MARCHISOTTI, 2019).

Pesquisas no campo da administração têm se baseado no referencial da Teoria Crítica para o desenvolvimento de análises das situações sociais próprias ao campo, como por exemplo Adorno que tem sido largamente utilizado, principalmente por seus conceitos de indústria cultural (CARR, 2000; MARANHÃO; VILELA, 2017; LUKOSEVICIUS; MARCHISOTTI, 2019), sociedade administrada (GOMES, 2014; WRAY-BLISS, 2018), e educação crítica (FOSTER; WIEBE, 2010; RAELIN, 2020). No Brasil, Guerreiro Ramos, um dos mais importantes autores no campo da Administração, destacou-se por desenvolver uma

análise das teorias administrativas ancorada nos postulados da Teoria Crítica (NETTO et al., 2016).

Para Lima (2011) as polarizações das pesquisas em administração em torno de paradigmas, notoriamente incompletos, resultarão em continuada discordância e cizânia; por seu lado reduções oportunistas dos contextos em análise, a fim de que estes se encaixem nos paradigmas compreendidos e privilegiados pelos pesquisadores também levarão à perpetuação da incompletude do conhecimento produzido pela pesquisa resultante. Formas híbridas de pesquisa multiparadigmática, apesar de sua complexidade mais elevada, devem merecer maior consideração dos pesquisadores de Administração. O resultado de esforço multidisciplinar são benefícios latentes que, socialmente e academicamente, ainda poderão ser extraídos dos estudos sociais aplicados, permitindo o avanço dos estudos em administração (BARBOSA et al., 2013).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Círculo de Viena e a Escola de Frankfurt foram primordiais para a forma de se fazer ciência no início do século XX, apesar de não existir uma unicidade de pensamento dentro de cada uma escola, os pensadores que se reuniram em torno delas deixaram um legado para as pesquisas sociais. E mesmo com suas ideias sendo contestadas durante quase este um século das duas escolas, seus conceitos, críticas e paradigmas foram atualizados e ainda influenciam a forma de se pensar e fazer ciências atualmente.

O objetivo deste trabalho de identificar as contribuições dessas escolas para os estudos de Administração foi alcançado ao identificar que nesses estudos, existe espaço tanto para a evolução do positivismo do Círculo de Viena ou pós-positivismo e suas derivações quanto para a Teoria Crítica frankfurtiana e sua atualização para a sociedade atual. Tanto as pesquisas positivistas com suas questões de distanciamento em o pesquisador e objeto e com sua necessidade de confirmar ou falsear um hipótese, como nas pesquisas com base crítica, que busca-se o sentido do comportamento dos atores, baseando-se na interpretação para entender os relacionamentos explícitos mas também os implícitos (ARAUJO et al, 2012).

Segundo Lima (2011) existe um confronto que dificulta o diálogo, na medida em que se considera o confronto entre aspectos científicos e não científicos da prática de pesquisa científica. A ausência de diálogo está associada ao confronto entre uma crítica de não

cientificização da pesquisa qualitativa, não submetida à teste estatísticos e comprovação de fidedignidade e validade contra a crítica de matematização da realidade social, do tratamento do fato humano como coisa, à semelhança de fenômenos do mundo físico e biológico. Há de se observar às peculiaridades de cada estudo a fim de adequar as ferramentas de investigação ao objeto estudado. Administração deve buscar a compressão pelos pluralismos e em contextos paradoxais explorando o objeto de investigação conciliando suas respectivas posturas ontológicas, epistemológicas e consequentemente metodológicas (BARBOSA et al., 2013).

A contribuição deste artigo está na avaliação básica de duas escolas epistemológicas e os paradigmas derivados delas para se realizar pesquisa em administração, indo além da ideia do positivismo/funcionalismo e teoria crítica, abrindo caminho para uma reflexão mais apurada do pesquisador ao definir seu método de pesquisa. Os assuntos do positivismo e teórica crítica são muito densos, desta forma este artigo apresenta algumas limitações como uma maior profundidade nas teorias e também uma melhor detalhamento dos pensamentos dos componentes de cada escola, cabendo uma melhor discussão como sugestões para pesquisas futuras, pode-se fazer uma análise mais profundas dos paradigmas de Burrell/Morgan e Lincoln/Guba relacionados ao positivismo e a teoria crítica, bem como uma comparação entre elas em seus diversos aspectos.

REFERÊNCIAS

- ALHARAHSHEH, H. H.; PIUS, A. A review of key paradigms: Positivism VS interpretivism. **Global Academic Journal of Humanities and Social Sciences**, v. 2, n. 3, p. 39-43, 2020. DOI: [10.36348/gajhss.2020.v02i03.001](https://doi.org/10.36348/gajhss.2020.v02i03.001)
- ALIYU, A. A.; BELLO, M. U.; KASIM, R.; MARTIN, D. Positivist and non-positivist paradigm in social science research: Conflicting paradigms or perfect partners. **Journal of Management and Sustainability**, v. 4, n.3, p. 79, 2014. DOI: [10.5539/jms.v4n3p79](https://doi.org/10.5539/jms.v4n3p79)
- AMBONI, N.; CAMINHA, D. O.; ANDRADE, R. O. B.; FERNANDES, M. Abordagem multiparadigmática em estudos organizacionais: Avanços e limitações. **Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria**, v. 10, n. Esp. 5, p. 808-827, 2017. DOI: [10.5902/1983465912620](https://doi.org/10.5902/1983465912620)
- ARAUJO, R. M. de; GOMES, F. P.; LOPES, A. de O. B. Pesquisa em administração: qualitativa ou quantitativa. **Revista das Faculdades Integradas Vianna Júnior**, v. 3, n. 1, p. 151-175, 2012.
- ARRUDA, R. M. S. A influência do Tractatus no critério positivista de significado. **Revista de humanidades de Valparaíso**, n. 13, p. 6-17, 2019. DOI: [10.22370/rhv2019iss13pp6-17](https://doi.org/10.22370/rhv2019iss13pp6-17)

- BARBOSA, M. A. C.; NEVES, F. E. B.; SANTOS, J. M. L.; CASSUNDÉ, F. R. D. S. A.; CASSUNDÉ JUNIOR, N. F. C. “Positivismos” versus “Interpretativismos”: o que a Administração tem a ganhar com esta disputa? **Revista Organizações em Contexto**, v. 9, n. 17, p. 1-29, 2013. DOI: [10.15603/1982-8756/roc.v9n17p1-29](https://doi.org/10.15603/1982-8756/roc.v9n17p1-29)
- BISPO, D. A.; SIQUEIRA, E. S. Análise crítica do discurso: uma abordagem teórico-metodológica para debater o campo da Administração. **Caderno Profissional de Administração da UNIMEP**, v. 8, n. 2, p. 79-94, 2018.
- BOAVA, D. L. T.; MACEDO, F. M. F.; DE SOUZA SETTE, R. Contribuições do ensaio teórico para os estudos organizacionais. **Revista Administração em Diálogo**, v. 22, n. 2, p. 69-90, 2020. DOI: [10.23925/2178-0080.2020v22i2.41951](https://doi.org/10.23925/2178-0080.2020v22i2.41951)
- BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis**. Aldershot, UK: Ashgate Publishing Limited, 2006.
- CALDAS, M. P. Paradigmas em estudos organizacionais: uma introdução à série. **Revista de Administração de Empresas**, v. 45, n. 1, p. 53-57, 2005. DOI: [10.1590/S0034-7590100008](https://doi.org/10.1590/S0034-7590100008)
- CAVALCANTE, A. V. B.; BUFREM, L. S.; CÔRTEZ, G. R. A Escola de Frankfurt e a Ciência da Informação. **Logeion: Filosofia da Informação**, v. 6, n. 2, p. 40-60, 2020. DOI: [10.21728/logeion.2020v6n2.p40-60](https://doi.org/10.21728/logeion.2020v6n2.p40-60)
- CARR, Adrian. Critical theory and the management of change in organizations. **Journal of organizational change management**, v. 13 n. 3, p. 208-220, 2000. DOI: [10.1108/09534810010330869](https://doi.org/10.1108/09534810010330869)
- CASTANÕN, GUSTAVO. **Introdução à epistemologia**. São Paulo: EPU 2007.
- CUNHA, I. F. Círculo de Viena: fisicalismo e a utopia da ciência unificada. **EDUCAÇÃO E FILOSOFIA**, v. 32, n. 66, p. 943-963, 2018. DOI: [10.14393/issn.0102-6801.v32n66a2018-01](https://doi.org/10.14393/issn.0102-6801.v32n66a2018-01)
- DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- DIAS, E. de A. Progresso científico e verdade em Popper. **Trans/form/ação**, v. 38, n. 2, p. 163-173, 2015. DOI: [10.1590/S0101-31732015000200008](https://doi.org/10.1590/S0101-31732015000200008)
- DONALDSON, L.; QIU, J.; LUO, B. N. For rigour in organizational management theory research. **Journal of Management Studies**, v. 50, n. 1, p. 153-172, 2013. DOI: [10.1111/j.1467-6486.2012.01069.x](https://doi.org/10.1111/j.1467-6486.2012.01069.x)
- FARIA, J. H. (org.) **Análise Crítica das Teorias e Práticas Organizacionais**. São Paulo: Atlas, 2007
- FARIA, J. H. Teoria crítica em estudos organizacionais no Brasil: o estado da arte. **Cadernos EBAPE**, v. 7, n. 3, artigo 8, Rio de Janeiro, set. 2009. DOI: [10.1590/S1679-39512009000300009](https://doi.org/10.1590/S1679-39512009000300009)
- FOSTER, W. M.; WIEBE, E. Praxis makes perfect: Recovering the ethical promise of critical management studies. **Journal of Business Ethics**, v. 94, n. 2, p. 271-283, 2010. DOI: [10.1007/s10551-011-0756-6](https://doi.org/10.1007/s10551-011-0756-6)
- FREITAG, B. **A Teoria Crítica ontem e hoje**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.
- GHIRALDELLI JR, P. **O que é dialética do Iluminismo?** São Paulo: Manole, 2010.

- GOMES, N. F. Ethics in public administration: challenges and opportunities. **Revista de Administração Pública**, v. 48, n. 4, p. 1029-1050, 2014. DOI: [10.1590/0034-76121714](https://doi.org/10.1590/0034-76121714)
- GUBA, E. B.; LINCOLN, Y. S. Paradigmatic controversies contradictions, and emerging confluences. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage, 1994.
- HAHN, H; NEURATH, O; CARNAP, R. A Concepção Científica de Mundo – O Círculo de Viena. **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**, n.10, p. 5-20. 1986.
- IWASSE, L.; BRANCO, E.; BRANCO, A.; ZANATTA, S. Considerações acerca da Epistemologia: do nascimento da Ciência Moderna ao Círculo de Viena. **Revista Valore**, v. 3, p. 619-629, 2018. DOI: [10.22408/rev302018171619-629](https://doi.org/10.22408/rev302018171619-629).
- KIM, T. W.; DONALDSON, T. Rethinking right: Moral epistemology in management research. **Journal of Business Ethics**, v. 148, n. 1, p. 5-20, 2018. DOI: [10.1007/s10551-015-3009-2](https://doi.org/10.1007/s10551-015-3009-2)
- LARA, L. G. A.; VIZEU, F. O potencial da frankfurtianidade de Habermas em estudos organizacionais. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 17, n. 1, p. 1-11, 2019. DOI: [10.1590/1679-395171270](https://doi.org/10.1590/1679-395171270)
- LEITÃO, C. V. Uma visão histórica da Escola de Frankfurt e de sua teoria crítica. **Revista Dissertar**, v. 1, n. 24 e 25, p. 97-104, 1 jun. 2016. DOI: [10.24119/16760867ed11242](https://doi.org/10.24119/16760867ed11242)
- LIMA, L. A. A representação das múltiplas dimensões paradigmáticas no estudo da administração. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 2, p. 198-208, 2011. DOI: [10.1590/S1415-65552011000200003](https://doi.org/10.1590/S1415-65552011000200003)
- LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 169-192.
- LUKOSEVICIUS, A. P.; MARCHISOTTI, G. G.; GUIMARÃES, J. C. A influência do gerenciamento de impressões na percepção do público-alvo do mix de comunicação de marketing. **Gestão & Planejamento-G&P**, v. 20, 2019. DOI: [10.21714/2178-8030gep.v20.5881](https://doi.org/10.21714/2178-8030gep.v20.5881)
- MARANHÃO, C. S.; VILELA, J. R. X. A imanência entre a teoria crítica e a pesquisa empírica: contribuições para os estudos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 24, n.82, p. 476-490, 2017. DOI: [10.1590/1984-9240826](https://doi.org/10.1590/1984-9240826)
- MAYO, A. R. P.; CÁCERES, M. G.; AGUILAR, J. H. Towards a Unified Research Program for Organizational Studies. **International Journal of Humanities and Social Science**, v. 5, n. 6; 2015. DOI: [10.30845/ijhss](https://doi.org/10.30845/ijhss)
- MOGENDORFF, J. R. A Escola de Frankfurt e seu legado. **Verso e Reverso**, v. 26, n. 63, p. 152-159, 2012. DOI: [10.4013/ver.2012.26.63.05](https://doi.org/10.4013/ver.2012.26.63.05)
- MOLLO, H. M. **Biografia e história das ciências: debates com a história da historiografia**. Ouro Preto: EDUFOP, 2012.
- MORGAN, G. Paradigmas, metáforas e resolução de quebra-cabeças na teoria das organizações. **Revista de Administração de Empresas**, v. 45, n. 1, p. 58-71, 2005.

- MUNCK, L.; MUNCK, M. G. M.; DE SOUZA, R. B. Estudos organizacionais. **Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa**, v. 27, n. 53, p. 87-102, jul. 2018
- NETTO, A. F. N.; FERREIRA, V. C. P.; NOVAES, J. L. C.; NEIVA, N.D. A Teoria Crítica no estudo da Administração. **Revista de Carreiras e Pessoas (ReCaPe)**, v. 6, n. 3, 2016 DOI: [10.20503/recape.v6i3.31058](https://doi.org/10.20503/recape.v6i3.31058)
- ORTIZ, R. A Escola de Frankfurt e a questão da cultura. **Sociologia em Rede**, v. 6, n. 6, 2016.
- OUELBANI, M. **O Círculo de Viena**. Tradução de M. MARCIONILO. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- PAULA, A. P. P. **Teoria crítica nas organizações**. São Paulo: Thomson Learning, 2008
- RAELIN, J. A. Toward a methodology for studying leadership-as-practice. **Leadership**, v. 16, n. 4, p. 480-508, 2020. DOI: [10.1177/1742715019882831](https://doi.org/10.1177/1742715019882831)
- RAMOS, A.G. **A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989
- REPA, L. **Jürgen Habermas e o modelo reconstrutivo de Teoria Crítica**. In: NOBRE, M. (Org.). Curso livre de Teoria Crítica. Campinas, SP: Papirus, 2008. p. 161-182.
- ROUANET, S. P. **Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- ROJAS, L. F. O. **Positivismo Lógico (Círculo de Viena)**. Bogotá: Sena, 2017.
- RÜDIGER, F. **Comunicação e teoria crítica da sociedade: Adorno e a Escola de Frankfurt**. Porto Alegre: Edipucrs, 1999
- SCHLICK, M. **O fundamento do conhecimento**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- SILVA, F. A. Descoberta versus justificativa: a sociologia e a filosofia do conhecimento científico na primeira metade do século XX. **Revista de Teoria da História**, v. 2, n. 2, p. 52-67, 2009. DOI: [10.5216/rth.v2i2.28469](https://doi.org/10.5216/rth.v2i2.28469)
- SILVA, E. D.; COSTA, R. S. Uma reflexão epistemológica sobre o status científico da administração sob a ótica dos critérios de demarcação científica de Popper, Kuhn e Lakatos. **Revista Ciências Administrativas**, v. 25, n. 3, 2019. DOI: [10.5020/2318-0722.2019.9660](https://doi.org/10.5020/2318-0722.2019.9660)
- STEIN, S. I. A. O papel das vivências no Aufbau. **Kriterion: Revista de Filosofia**, v. 45, p. 224-237, 2004. DOI: [10.1590/S0100-512X2004000200003](https://doi.org/10.1590/S0100-512X2004000200003)
- VIZEU, F.; MATITZ, Q. R. S. Organizational sacralization and discursive use of corporate mission statements. **Brazilian Administration Review**, v. 10, n. 2, p. 176-194, 2013. DOI: [10.1590/S1807-76922013000200005](https://doi.org/10.1590/S1807-76922013000200005)
- WIGGERSHAUS, R. **A Escola de Frankfurt**. História, desenvolvimento teórico, significação política. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- WRAY-BLISS, E. Critical moral philosophy and management. In: **Handbook of philosophy of management**. Cham: Springer Nature, 2018. p. 1-12. DOI: [10.1007/978-3-319-48352-85-1](https://doi.org/10.1007/978-3-319-48352-85-1)